

# RELAÇÕES DE PRESSUPOSIÇÃO E ACARRETAMENTO NA COMPREENSÃO DE TEXTOS

## *PRESUPPOSITION AND ENTAILMENT RELATIONS IN TEXT COMPREHENSION*

Karina Huf dos Reis<sup>1</sup>

**RESUMO:** Partindo das definições de pressuposição e acarretamento, pretendemos neste artigo relacionar esses fenômenos ao exercício da compreensão de textos. Essa relação tem a intenção de unir a teoria linguística à prática do ensino da língua, observando a importância da análise linguística para o exercício de interpretação. Em seguida, apresentaremos a prática em forma de exemplos comuns a fim de reunir o conhecimento desses fenômenos linguísticos no aprimoramento das técnicas de compreensão textual bem como no seu método de ensino.

Palavras-chave: pressuposição; acarretamento; interpretação de textos.

**ABSTRACT:** Based on the definitions of presupposition and entailment, in this article we intend to relate these phenomena to the exercise of reading comprehension. This relationship intends to unite the linguistic theory to the practice of language teaching, observing the importance of linguistic analysis for the interpretation exercise. Next, we present the practice in the form of common examples in order to gather knowledge of these linguistics phenomena in the improvement of the techniques of reading comprehension as well as in its teaching method.

Keywords: presupposition; entailment; text interpretation.

### 1. INTRODUÇÃO

Existem diversas maneiras de interpretarmos as sentenças que ouvimos ou de proporcionar efeito às sentenças que proferimos no cotidiano. Essas maneiras estão relacionadas ao conhecimento extralinguístico existente de forma particular em cada

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português-Inglês, UTFPR.

ouvinte, leitor ou falante. Como explica Cançado (2012), o conhecimento extralinguístico é o conteúdo prévio que permite ao indivíduo reagir ante uma determinada afirmação, negação ou questionamento. Ele pode ser constituído dos significados puros das sentenças que o indivíduo apreende ao longo de sua vida, ou também constituído dos significados que resultam do uso de determinadas expressões contidas na sentença, cujo teor não se restringe ao literal.

Esses conteúdos resumem duas propriedades da abordagem referencial da linguagem chamadas *acarretamento* e *pressuposição*. Observemos a definição apresentada por Cançado (2012, p. 31):

O acarretamento é uma noção estritamente semântica, que se relaciona somente com o que está contido na sentença, independentemente do uso desta. A noção de pressuposição relaciona-se com o sentido de expressões lexicais contidas na sentença, mas também se refere a um conhecimento prévio, extralinguístico, que o falante e o ouvinte têm em comum; pode-se dizer que a pressuposição é uma noção semântico-pragmática. (CANÇADO, 2012, p. 31).

Convivemos diariamente com a dificuldade na compreensão de textos, seja na escola, no trabalho, ou em qualquer outro contexto em que seja necessária a interpretação. Observamos que os fenômenos linguísticos apresentados estão contidos nas afirmações, negações ou questionamentos entre interlocutores. A solução para a dificuldade de compreensão de uma sentença ouvida ou lida pode ser encontrada, portanto, na própria sentença, pois ela fornece subsídios muitas vezes suficientes para tal entendimento, por meio de deduções semânticas e pragmáticas que contribuem decisivamente para a compreensão do texto.

A partir de uma análise sobre acarretamento e pressuposição em sentenças comuns, é possível concluir algo além do que está escrito ou até mesmo evitar certas conclusões. O conhecimento de mundo permitirá que o ouvinte/leitor selecione essas inferências na sentença e se aproxime da intenção do falante/autor. O que os interlocutores compartilham é essencial para a compreensão do discurso:

Podem ser consideradas implícitas todas as informações que uma sentença veicula, sem que o falante se comprometa explicitamente com sua verdade. Essas informações precisam então ser “inferidas” a partir da sentença por meio de algum raciocínio que parte da própria sentença. É o que ocorre nos casos da pressuposição e do acarretamento (ILARI, 2004, p. 85, grifo do autor).

Na seção 2, discutiremos as noções de acarretamento e pressuposição, para analisarmos, na seção seguinte, como tais noções contribuem para a interpretação de um texto. Na seção 4, apresentamos nossas conclusões.

## 2. PRESSUPOSIÇÃO E ACARRETAMENTO

Para podermos incluir as ideias de pressuposição e acarretamento em um contexto específico, é necessário inicialmente que façamos uma busca detalhada nas definições dessas propriedades. Começaremos pela definição de acarretamento, que se baseia no conhecimento semântico dos elementos da sentença. Cançado (2012) inicia as definições de acarretamento pelo entendimento do que vem a ser uma relação de *hiponímia*. “A hiponímia pode ser entendida como uma relação estabelecida entre palavras, quando o sentido de uma está incluído no sentido de outra.” (CANÇADO, 2012, p. 32). Podemos pensar em uma relação de conjuntos: dentro de certo conjunto existem outros menores. O conjunto que abrange outros conjuntos é o *hipônimo*, um item lexical específico que abrange outros muitos. Esses outros são os *hiperônimos*, conjuntos menores contidos no *hipônimo*. Por exemplo:

### (1) Eletrodomésticos: Liquidificador

Em (1) o item *liquidificador* está contido no conjunto dos *eletrodomésticos*. Portanto temos em (1) a relação *hipônimo* – *hiperônimo*.

Dada esta definição para a menor unidade existente em uma sentença, um item lexical, Cançado (2012) diz que podemos expandir essa ideia para a sentença completa. A relação de inclusão de sentidos de uma sentença em outra sentença é chamada, então, *acarretamento*. Observemos o exemplo a seguir para compreendermos essa ideia de inclusão de sentidos:

(2)a. Maria tem uma Bíblia em casa.

b. Maria tem um livro em casa.

Acima, observamos que a sentença (2a) está incluída na sentença (2b) devido à relação de sentido do item (2a) *Bíblia* e do item de (2b) *livro*, ou seja, uma relação de *hipônimo – hiperônimo*. Temos, assim, que a sentença (2a) acarreta (2b).

Vamos analisar um exemplo no qual não ocorre a relação de acarretamento, para mostrar a diferença entre esses aspectos:

(3) a. Maria tem uma cadeira em casa.

b. Maria tem um objeto de madeira em casa.

A ideia de *cadeira* não está incluída no sentido de *objeto de madeira*, embora haja essa possibilidade. “Temos acarretamento toda vez que a verdade de uma sentença implica a verdade de uma outra, simplesmente pela significação de suas palavras.” (ILARI, 2004, p.85). Observamos que não ocorre essa relação de verdade em (3), pois a partir da sentença (3a) não podemos inferir a sentença (3b). Portanto, a sentença (3) não cumpre os critérios para a relação de acarretamento, já que (3a) não está incluída em (3b), ou vice-versa.

Como vimos anteriormente, a ideia de pressuposição não está ligada somente à relação semântica de duas ou mais sentenças como ocorre no fenômeno de

acarretamento. A noção de pressuposição exige que analisemos uma sentença não só a partir dos sentidos literais da língua, como no acarretamento, mas também a partir dos sentidos atribuídos à língua pelo uso. Por isso, Cançado (2012) assume que as *pressuposições* tratam de uma noção semântico-pragmática. Para essa noção, devemos incluir a ideia de *criatividade*, no sentido de que o falante da língua não decora uma lista de sentenças do seu dia-a-dia para fazer relações lógicas. Para isso, ele deve extrair de cada sentença a essência da semântica e da pragmática, isto é, elementos que o permitam adquirir conhecimentos de mundo. Oliveira (2001) trata do assunto da criatividade na compreensão de sentenças:

A criatividade é nossa capacidade de entender (e produzir) sentenças novas. A referencialidade diz respeito ao fato de que usamos a língua pra falar sobre o (s) mundo (s) (inclusive o mundo interior, o dos sonhos, o da ficção). A rede de sentenças diz respeito ao fato de que saber uma sentença é saber muitas outras, porque as sentenças de uma língua se inter-relacionam (OLIVEIRA, 2001, p. 50).

Dessa forma temos que a nossa criatividade serve como apoio na compreensão de discursos lidos ou ouvidos no dia-a-dia. Vamos aos exemplos para que possamos compreender melhor a noção de pressuposição:

- (4) a. Pedro parou de economizar dinheiro.  
b. Pedro economizava dinheiro.

De (4a) podemos inferir (4b) e isso se dá pelo uso da expressão *parou de*, que nos traz a ideia de que, antes desse momento de fala, o evento acontecia. O evento de economizar dinheiro acontecia. Percebemos o mesmo fenômeno em (5):

- (5) a. Maria levou a boneca dela para a sala de aula.  
b. Maria tem uma boneca.

Esse exemplo nos faz inferir que Maria possui uma boneca, já que o fragmento *a boneca dela* deixa claro que Maria possui tal objeto. Frege (1892, apud CANÇADO, 2012, p.37) considera que as sentenças possuem um conteúdo que não se altera com a sua negação, interrogação ou inversão para a forma de condicionalidade. Esse conteúdo permaneceria com o mesmo sentido se passássemos uma sentença afirmativa para essas outras formas. Para avaliarmos se uma sentença possui esse conteúdo é necessário antes desmembrarmos a oração principal nas formas de negação, interrogação e condicionalidade. É como se a sentença em questão possuísse uma *família* de outras sentenças. Assim, poderemos inferir uma segunda sentença, tomando-a como verdade ou não. Observe o desmembramento, ou a família, de uma das sentenças dadas anteriormente:

(4) a. Pedro parou de economizar dinheiro.

a'. Pedro não parou de economizar dinheiro.

a''. Pedro parou de economizar dinheiro?

a'''. Se Pedro parou de economizar dinheiro, não vai poder comprar aquele carro.

Percebemos que em (4) nenhuma das proposições alterou a proposta de que *Pedro economizava dinheiro*, ou seja, quando dizemos (4a'), (4a'') e (4a''') a verdade de (4b) se mantém. Assim temos que (4a) pressupõe (4b). Da mesma forma isso ocorre com a sentença (5) dada anteriormente: se fizermos o teste com sua família, a pressuposição em (5b) se mantém.

A família de uma sentença é que vai confirmar se uma segunda é pressuposta por ela ou não. Cançado (2012, p. 39) define a família de uma

sentença como as quatro formas que ela pode assumir: a proposição afirmativa, a negação dessa mesma afirmação, a interrogação e condição. Com isso a autora apresenta a seguinte condição: “só ocorrerá a relação de pressuposição se todas as quatro formas de uma determinada sentença (a), ou seja, se a família de (a) tomar uma determinada sentença (b) como verdade.” E continua alertando que “se uma das sentenças da família de (a) não tomar como verdade a sentença (b), não existirá a relação de pressuposição entre as sentenças (a) e (b).”

A família de uma sentença de fato serve como teste para uma pressuposição e esclarece a diferença entre esse fenômeno e o do acarretamento: enquanto a negação, a interrogação e a condicional não alteram a pressuposição tomada como verdade pela sentença, a negação, por si só, já não garante o acarretamento. Assim, enquanto a sentença (2a) acarreta (2b), a negação de (2a) bloqueia o acarretamento, como vemos a seguir.

(2) a. Maria não tem uma Bíblia em casa.

b. Maria tem um livro em casa.

Segundo Moura (2000), isso ocorre porque no acarretamento “a proposição *a* é uma condição (suficiente, mas não necessária) para a verdade de *b*.” e na pressuposição “a proposição *b* já deveria ser aceita como verdadeira pelos interlocutores independentemente de *a* ser verdadeira ou não. É por isso que se diz que pressuposição deve ser parte do conhecimento compartilhado entre os interlocutores”.

Dessa forma, Cançado (2012) coloca que o falante faz uso de algumas expressões da língua para incutir significados não apenas semânticos. Alguns recursos linguísticos presentes em uma conversa ou em um texto fazem o ouvinte, ou o leitor, supor outras

informações, que não aquelas expressas em uma determinada sentença. A autora cita como desencadeadoras de pressuposição as estruturas clivadas (Foi fulano que fez X...), as orações subordinadas temporais e comparativas, o uso de verbos factivos (esquecer, saber, etc.) e de expressões que denotam mudanças de estado (iniciar em, parar de). Mas afirma que “o relevante é sabermos aplicar a definição para conseguirmos estabelecer ou não a pressuposição entre as sentenças” (CANÇADO, 2012, p. 44).

### 3. ANÁLISE

Nesta seção, construiremos uma análise das sentenças presentes em um texto<sup>2</sup>, a fim de refletir sobre determinadas estruturas e expressões usadas na língua, relacionando-as à teoria apresentada anteriormente.

Não era com a sua filha que Pedro estava preocupado. Ele não sabia se Cláudia estava se divorciando de Osvaldo, até esquecera que ela havia ligado. Ele simplesmente deixou o problema de sua filha para o outro dia, e foi repousar. Pedro admitira a culpa, agora teria que esperar. Ocorreu que, no outro dia, o real culpado desmentiu não ter atropelado a velhinha. Agora ele ia parar de pensar nisso, estava otimista. Era hora de certificar-se de que Cláudia não havia se divorciado. Mas o marido já havia ido embora quando Pedro ligou para ela.

Para análise do texto acima, consideraremos algumas proposições que poderiam ser utilizadas em sala de aula em uma atividade de Verdadeiro/Falso, a fim de observar quais sentenças seriam as corretas a partir do que se lê no texto:

(6) Pedro não resolveu o problema na hora.

(7) Houve um acidente.

---

<sup>2</sup> Baseado no texto disponível em: <http://www.analisedetextos.com.br/2010/09/atividade-pratica-sobre-pressupostos-e.html>. Acesso em 13 set. 2013.



(8) A velhinha morreu.

Vejamos se a sentença proposta em (6) estabelece uma relação de acarretamento com o que está sendo afirmado no texto:

(6) a. Ele deixou o problema de sua filha para outro dia.

b. Pedro não resolveu o problema na hora.

Aplicando o teste de acarretamento em (6), vemos que a sentença (6b) é necessariamente verdade se (6a) for realmente verdade. Portanto, temos que a relação de acarretamento é estabelecida.

Vejamos outro caso encontrado no texto em que podemos inferir uma informação implícita:

(7) a. O real culpado desmentiu não ter atropelado a velhinha.

b. Houve um acidente.

Analisando a locução verbal em (7a), “ter atropelado”, inferimos a informação de que ocorreu um acidente. Consideramos aqui que *atropelar* está dentro do conjunto de *acidentes*. Assim, temos uma relação de acarretamento.

No momento em que tentamos compreender um texto, além de termos dificuldades em inferir novas informações não implícitas, muitas vezes temos conclusões equivocadas de determinadas afirmações. O caso a seguir é um exemplo de uma interpretação equivocada:

(8) a. O real culpado desmentiu não ter atropelado a velhinha.

b. A velhinha morreu.

Nada no texto nos informa sobre a possível morte da velhinha. Isso pode ter ocorrido, mas só faz parte do mundo de possibilidades. Negando a sentença (8b) não tomamos a informação em (8a) como sendo falsa. A relação de acarretamento, portanto, não é estabelecida.

Vejamos agora os casos do texto em que podemos analisar as relações de pressuposição no processo de compreensão. As proposições abaixo serão analisadas na sequência.

- (9) Pedro estava preocupado.
- (10) Pedro ligou para ela.
- (11) Cláudia havia se divorciado.
- (12) Cláudia era casada com Osvaldo.
- (13) Pedro ia parar de pensar no atropelamento.

Abaixo atentaremos para uma estrutura da língua que favorece a pressuposição, as chamadas estruturas clivadas. Lembremos que o teste de pressuposição é realizado pela avaliação dos membros da família da sentença original:

- (9) a. Não era com a sua filha que Pedro estava preocupado.
  - a'. Era com a sua filha que Pedro estava preocupado.
  - a''. Não era com a sua filha que Pedro estava preocupado?
  - a'''. Se não era com a sua filha que Pedro estava preocupado...
- b. Pedro estava preocupado.

Vemos no caso (9) que a proposição feita a partir da sentença original do texto é confirmada ao explicitar os membros da família de (9a), ou seja, nenhum desses

membros afeta a interpretação em (9b). Podemos, assim, considerar que a sentença (9a) pressupõe a afirmação em (9b). Cançado (2012) afirma que certas estruturas na língua, como a clivada que foi apresentada acima, favorece a pressuposição. Outra estrutura que desencadeia esse tipo de implicatura é a encontrada nas orações subordinadas temporais. Observe o exemplo tirado do texto e a proposição feita a partir do que o texto afirma:

- (10) a. O marido já havia ido embora quando Pedro ligou para ela.  
a'. O marido ainda não havia ido embora quando Pedro ligou para ela.  
a''. O marido já havia ido embora quando Pedro ligou para ela?  
a'''. Se o marido já havia ido embora quando Pedro ligou para ela...  
b. Pedro ligou para ela.

A estrutura em (10a) traz problemas frequentes de interpretação, pois veicula um número maior de informações, dificultando tirar alguma conclusão. Explicitando a família de (10a) vemos que nenhum membro torna duvidosa a afirmação feita em (10b). Dessa forma que a relação de pressuposição é estabelecida.

Vejamos o caso da proposição (11):

- (11) a. Era hora de certificar-se de que Cláudia não havia se divorciado.  
a'. Não era hora de certificar-se de que Cláudia não havia se divorciado.  
a''. Era hora de certificar-se de que Cláudia não havia se divorciado?  
a'''. Se era hora de certificar-se de que Cláudia não havia se divorciado...  
b. Cláudia havia se divorciado.

Não podemos dizer que a proposição (11b) é uma verdade devido ao fato de que, quando explicitamos a família da sentença (11a), um dos membros põe em dúvida

sua veracidade. Quando isso ocorre no teste de pressuposição, temos que essa relação de implicatura não é estabelecida.

Certas palavras ou expressões também são considerados por Cançado (2012) como desencadeadores da pressuposição. Abaixo analisaremos um caso encontrado no texto:

- (12) a. Ele não sabia se Cláudia estava se divorciando de Osvaldo.  
a'. Ele sabia se Cláudia estava se divorciando de Osvaldo.  
a''. Ele não sabia se Cláudia estava se divorciando de Osvaldo?  
a'''. Se ele não sabia se Cláudia estava se divorciando de Osvaldo...  
b. Cláudia era casada com Osvaldo.

Observe o verbo flexionado “divorciando”. O uso desse verbo implica em um estado anterior de “estar casado”. Este estado anterior é o que propõe a sentença (12b). Vemos também que todos os membros da família de (12a) tomam essa proposição como sendo verdadeira. A relação de pressuposição, por conseguinte, ocorre entre (12a) e (12b).

Outro desencadeador lexical de pressuposição são as expressões que definem uma mudança de estado, como a que é encontrada no texto e transcrita abaixo para análise:

- (13) a. Ele ia parar de pensar nisso.  
a'. Ele não ia parar de pensar nisso.  
a''. Ele ia parar de pensar nisso?  
a'''. Se ele ia parar de pensar nisso...  
b. Ele pensava no atropelamento.

A expressão “parar de” indica que o evento do complemento seguinte acontecia anteriormente, o que é proposto pela sentença (13b). O que podemos compreender na sentença tirada do texto é essa mudança de estado. Colocando o estado anterior na sentença como proposição, e aplicando o teste da pressuposição, como feito acima, observamos que tal afirmação pode ser inferida. Todos os membros de (13a) permanecem com a mesma ideia que está sendo apresentada em (13b).

Esses foram os casos de acarretamento e pressuposição encontrados no texto, cujos testes servem como forma de análise e interpretação. Assim, estabelecemos uma reflexão sobre a relação dos usos da língua e seus significados implícitos no texto. A aplicação desses testes certamente facilita a compreensão de um texto que contenha muitas informações, e devem ser feitos à medida que as dificuldades de interpretação vão aparecendo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas enfrentados na compreensão de textos podem ser solucionados a partir da análise minuciosa das orações nele contidas. Observamos isso após analisar que muitas informações estão implícitas nos enunciados. Atribuindo nosso conhecimento extralinguístico e linguístico na sua leitura, isto é, saber a função de determinadas expressões da língua e possíveis significados a elas atribuídos, é possível compreender o que uma afirmação está trazendo, de fato, ao leitor.

Percebemos que certos usos da língua favorecem a pressuposição, como são os casos de orações subordinadas, estruturas clivadas e verbos factivos. Estes são utilizados pelo falante com o propósito discursivo de levar a certa interpretação e não a outra. Esses recursos selecionam informações contidas no discurso e implicam a sua verdade ou não. Para clarear o número de informações contidas em um enunciado

analisamos as relações de acarretamento entre uma proposição e sua sentença original. Dessa forma conseguimos estabelecer a relação de dependência entre o que está sendo veiculado e o que é proposto.

Por esse viés de análise tentamos propor métodos de interpretação que devem ser colocados diante do aluno como forma de explorar e desenvolver conhecimentos da língua que constroem novos sentidos e significados.

## REFERÊNCIAS

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2012.

ILARI, R. *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, R. P. *Semântica formal: uma breve introdução*. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MOURA, H. M. M. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2000.

SOUZA, Rogério. *Atividade prática sobre pressupostos e implícitos: Análise de textos*. São Paulo, 2013. Disponível em:

<<http://www.analisedetextos.com.br/2010/09/atividade-pratica-sobre-pressupostos-e.html>>

Acesso em: 13 set. de 2013.